

Luteranos — Migração, Urbanização e Proletarização

Observações Introdutórias a Partir de Um Estudo de Caso

Oneide Bobsin

Pressupostos

Uma das tarefas da sociologia da religião consiste em descobrir como as variações dos fenômenos religiosos têm sido condicionadas pelas mudanças ocorridas na sociedade. Isto equivale a dizer que as mudanças nas religiões são reflexos das transformações sociais. Com certeza, tal empreendimento da sociologia da religião dá margem a objeções. E uma delas diz respeito à redução da religião a um fenômeno social. Neste sentido a sociologia deve ser considerada como uma das possibilidades de análise científica da religião. A consciência da redução é um pressuposto que conduz o sociólogo da religião a caminhos não reducionistas. Além do mais, ao pesquisador da relação entre sociedade e religião é fundamental ter sempre presente que os resultados de sua atividade também estão condicionados socialmente .

Cabe destacar que pode haver muita semelhança entre cientistas da religião e determinados teólogos, quando ambos os grupos sustentam a idéia de que a sua produção teórica não está condicionada socialmente. Tais teólogos se consideram porta-vozes da "pura revelação" de Deus, sem marcas humanas e sociais. Os pesquisadores das religiões podem incorrer no mesmo erro se considerarem possível a realização de seu trabalho num laboratório asséptico, longe dos "gêrmens patogênicos" de sua posição na estrutura social. Ambos os grupos correm o risco de caírem em dogmatismos, na busca de verdades eternas e incondicionadas. Sob o argumento da neutralidade e objetividade científicas, assumem inconscientemente uma postura comprometida, pela omissão, com a ideologia dominante. Para estes, os ideólogos sempre são os outros.

A consciência dos condicionamentos e do lugar social onde se encontra o pesquisador nos mostra que a ciência "é relativamente autônoma na sua esfera de atividade própria."¹

Relembremos a velha estória sobre o Barão de Münchhausen. Montado em seu cavalo, o Barão ficou preso num atoleiro. Sem possibilidade de pedir ajuda a alguém, o Barão resolve agarrar-se a seus próprios cabelos puxando-os para cima, trazendo entre suas pernas o animal. Há pesquisadores que se parecem com o Barão; outros, porém, "descem do cavalo", sujam os seus pés e desatolam o animal.

Por razão de sua pertinência, a sociologia, como as demais ciências, é metodologicamente atéia. As ciências da religião não recorrem a Deus como pressuposto fundante ou explicativo das leis que regem o universo sócio-religioso. Para a sociologia da religião, o discurso das pessoas sobre Deus consiste na fala delas sobre si mesmas em circunstâncias concretas. Ao demonstrar para a teologia os seus condicionamentos sociais, a sociologia possibilita aos teólogos uma reflexão crítica da realidade onde se desfaz a confusão entre "o que é" e "o que deve ser".

1 — Precedentes Históricos e Hipóteses

A Reforma Protestante

A Reforma Protestante do século XVI está situada na transição do mundo feudal da Idade Média para o mundo burguês, particularmente o capitalismo comercial na sua fase de acumulação primitiva. A desagregação do feudalismo europeu ocidental já vinha acontecendo desde os séculos XIV e XV. É anterior à Reforma. A própria Reforma Protestante tinha os seus precedentes. Na fase de transição, portanto, o modo de produção não se situava nem no feudalismo nem no capitalismo. Na Alemanha a servidão chegou ao fim só no início do século XIX.

As mudanças sociais e econômicas incidem na cosmovisão religiosa de um povo. Como já frisamos, a ordem feudal ingressa na sua fase mais aguda de desintegração no século XVI. A exploração demográfica, o conflito social no campo, a criação de um sistema de troca mais universal baseado num equivalente geral e, acima de tudo, a liberação dos trabalhadores de suas condições objetivas de trabalho, na forma de terra

1 — Lowy, M. *As Aventuras de Karl Marx*, 1987, p. 177.

ou artesanal, causaram profundas mudanças na sociedade. Tais mudanças tiveram seus reflexos na visão religiosa do povo.

Para Erich Fromm, o indivíduo tinha perdido a segurança em suas certezas e se sentia ameaçado pelas novas forças econômicas. O princípio da corporação deu lugar ao da competição. As classes baixas nas cidades e no campo foram extremamente exploradas. Os pobres foram privados de seus direitos tradicionais². O ataque de Lutero à autoridade papal deve ter liberado forças populares até então represadas por uma visão de mundo hierarquizada. A Lutero, porém, faltou a mesma radicalidade em relação às autoridades seculares. Certamente isto não se enquadrava em seu esquema teológico, o que não impediu Lutero de fazer fortes críticas às autoridades e de ter apoiado, pelo menos na sua fase reivindicatória, a luta dos camponeses.

Além das mudanças mencionadas acima, o período da Reforma compreendeu uma visível transformação de um império universal para estados nacionais. Outra mudança fundamental estava relacionada com a negação da hierarquia eclesiástica como mediadora entre as pessoas e Deus. A possibilidade de uma relação imediata com o divino deve ter sido um elemento fundamental para o surgimento do individualismo. Ao romper com a instituição mediadora da relação entre as pessoas e Deus, a Reforma possibilitou a apropriação individual da religião. Ao mesmo tempo, a igualdade de todas as pessoas, tanto na graça quanto no pecado, introduzia um "igualitarismo espiritual". Ao menos no universo religioso havia um princípio democrático, negador da hierarquia. Na opinião de Marcuse

"O Protestantismo luterano e calvinista, que deu origem à doutrina cristã da liberdade em sua forma decisiva para a sociedade burguesa, está ligada ao advento de uma nova sociedade 'jovem', que teve que conquistar sua existência numa luta sem trégua contra as autoridades vigentes."³

Foram os momentos em que o espírito protestante se afirmou em seu caráter contestador original ao longo da história do protestantismo. De modo geral, o protestantismo se adequou à ideologia burguesa. Se esta avaliação não faz justiça ao pensamento de Lutero, com certeza o fará em relação ao movimento que leva o seu nome. No luteranismo a liberdade espiritual interior — onde o homem é senhor livre sobre todas

2 — Yinger, J.M. *Religion, Society and the Individual*, 1957, p390.

3 — Marcuse, H. *Idéias sobre uma Teoria Crítica da Sociedade*, 1981, p59.

as coisas — foi subjugada pelo domínio político, a esfera externa onde a pessoa é serva de todos. A liberdade individual é uma conquista burguesa.

Vem a calhar nesta discussão a opinião de Paul Tillich sobre o luteranismo alemão. Ela será mencionada a seguir por haver ainda uma forte relação de dependência teológica e financeira do etno-luteranismo brasileiro da Igreja Evangélica da Alemanha. Tillich afirmou: "Neste país sempre se deu por suposto que a estrutura social era algo ordenado por Deus"⁴. A afirmação de Tillich sobre o luteranismo alemão pode se aplicada para a história da Igreja Evangélica Luterana no Brasil, não obstante manifestações recentes que procuram incentivar os cristãos luteranos para o compromisso sócio-econômico em contraposição às gritantes contradições da estrutura social e econômica. Entre outras manifestações de órgãos diretivos, destacamos um trecho do documento "Nossa Responsabilidade Social", onde é confessada a omissão dos cristãos diante da realidade social:

"Nós assim nos omitimos no âmbito de nossas comunidades, onde fechamos os olhos diante do que se passa ao redor de nossos templos. Nós assim nos omitimos em âmbito nacional, fechando os olhos diante das injustiças sofridas por compatriotas nossos. Nós assim nos omitimos diante do sofrimento dos povos e indivíduos em todo o mundo. Assim agindo, tornamos-nos desobedientes e negamos aquele que confessamos como nosso Senhor."⁵

Mais adiante o documento desafia as comunidades e os indivíduos para uma ação coletiva em detrimento da prática assistencial individual e paternalista. O documento aponta para a necessidade de mudanças estruturais.

O Caso Chileno

Em 1970, chega ao poder, como expressão da vontade do povo chileno, a Unidade Popular liderada por Salvador Allende. A Unidade Popular iniciou um programa de transição para o socialismo dentro da ordem democrática. Em contraposição a este projeto, um movimento

4 — Tillich, P. *Pensamiento Cristiano y Cultura en Occidente*, 1977, 502.

5 — Cf. *Nossa Responsabilidade Social* — IECLB, *Quem assume esta tarefa?*, 1977, p43.

contra-revolucionário, fomentando uma reação interna, apoiada pelo imperialismo norte-americano, interrompe a transição para o socialismo. Em setembro de 1973, foi derrubado o Governo constitucional de Allende, assumindo o poder as forças armadas, que até então tinham sido vistas sob o enfoque do profissionalismo militar sem conotação política.

Após o golpe militar, foi formado um Comitê Nacional de Ajuda aos Refugiados. A Igreja Evangélica Luterana do Chile tomou parte neste comitê por algum tempo. Depois de um período de participação no Comitê, surge um movimento cujo propósito reside na campanha pelo afastamento da representação da Igreja Luterana do Comitê de Ajuda aos Refugiados. Por esta época já se percebia um alinhamento de setores da IELCH com o regime militar. As discussões internas desembocaram num cisma em 1976. Com o cisma surge uma outra Igreja Luterana no Chile. A declaração de princípios revela com muita clareza a natureza da ruptura: o conflito social. O compromisso político dos dissidentes com o regime militar se evidencia no item "b" de sua declaração de princípios: "a IELCH é contra a politização da Igreja e a clericalização da política (CA XXVIII), rejeitando por isso o marxismo, a teologia da libertação e a revolução, bem como a atuação subversiva do CMI".⁶

A Revolta dos Mucker

Entre 1868 e 1874, Sapiranga foi palco de um movimento messiânico liderado por Jacobina Maurer. Nosso interesse em fazer referências aos Mucker diz respeito ao fato de que nesse movimento a maioria dos participantes era evangélica⁷. O movimento teve como causa o processo de marginalização de famílias na colônia alemã de São Leopoldo, fundada em 1824. Em quatro décadas, a colônia passou de um período de igualdade inicial para uma fase de diferenciação social. O surgimento de classes é assim descrito por Janaina Amado:

"Nascidos ainda na 'sociedade igual' do início da colonização, vivenciaram todo o processo de abertura da economia colonial à economia de mercado, integrando-se nela sem obter benefícios, e na idade mais produtiva se defrontaram com a falta de perspectivas dos anos 70.(...) Marcados pela dubiedade, tinham em comum apenas a descrença num futuro próximo mais alentador."⁷

6 — Westhelle, V. **Embarços do Luteranismo Latino Americano** — O Paradigma Chileno, 1977, p.39, apud Wagner, R.Marz, 1977.

7 — Domingues, M. **A Nova Face dos Muckers**, 1977,p.21.

O controle de preços e a concentração de terras fizeram dos comerciantes uma elite com poder na colônia. Nas antigas colônias alemãs e naquelas em que hoje persiste o velho estilo colonial, o comerciante sempre foi e continua a ser alguém com poder. Era o forte intermediário. Em sua venda, o colono comprava os produtos industrializados a ali vendia os produtos excedentes da agricultura de subsistência. Antes de entregar a sua safra para o comerciante, o colono já se encontrava em débito com o primeiro. Na maioria das vezes, o comerciante forte fez o papel de banqueiro.

No período em que se gestou a revolta, as comunidades estavam sob liderança de pastores com formação teológica acadêmica. Os pastores enviados pela Alemanha vieram substituir os colonos-pastores. Por três ou quatro décadas, as comunidades evangélicas foram atendidas em suas necessidades espirituais por colonos que se destacavam ou professores. O processo de marginalização social e a inexistência de um clero com a visão da teologia oficial devem ter favorecido o surgimento de um ambiente de reinterpretação da religião. A partir de suas condições objetivas, as pessoas reinventam a religião, sem, no entanto, romper abertamente com a visão religiosa da maioria e com suas comunidades. Moacyr Domingues levanta uma pergunta interessante a respeito da relação dos Mucker com as Igrejas Católica e Evangélica:

“Agora inquirimos: não se diz que os Mucker fundaram uma ‘seita’, isto é, uma nova religião? Se eram irredutíveis ‘fanáticos religiosos’, por que continuavam a acatar seus pastores e padres, que tão duramente os vinham combatendo? Por que, até abril de 1873 — isto é, apenas um ano antes do epílogo do drama — continuavam a casar-se, batizar e confirmar seus filhos, como sempre haviam feito?”⁸

Em 1874, no auge do movimento, ocorre a ruptura dos Mucker com a religião oficial. Não temos condições de afirmar se os pastores evangélicos assumiram ou não uma postura homogênea em relação aos Mucker. É provável que pastores se colocaram ao lado de padres e da elite, bem como da maioria da população, e “crucificaram” os Mucker. O grupo ficou isolado no Ferrabráz, e foi dizimado pelas forças militares. Novamente “os filhos pediram pão, e os pais lhe deram uma serpente”.

8 — *Idem*, p.81.

Consciência de Classe e Secularização

O conflito social e ideológico perpassa as Igrejas, formando em seu interior blocos antagônicos. no "caso chileno", o cisma é provocado por setores comprometidos com o regime militar. Embora a conflitividade social esteja na base tanto da ruptura do luteranismo chileno quanto do movimento messiânico liderado por Jacobina Maurer, o último difere bastante do primeiro. No primeiro caso, ocorreu uma ruptura no nível institucional, ao passo que, no segundo, a Igreja ficou intacta ao perder uma parcela de fiéis que foram empobrecidos. Nos dois casos, a instituição não foi capaz de cooptar os dissidentes e marginalizados. De modo geral, os mecanismos de cooptação no protestantismo são frágeis. O protestantismo cresce por cissparidade e o catolicismo por cooptação.

A marginalização social e o compromisso das instituições eclesásticas com a classe dominante podem levar camadas empobrecidas de fiéis a uma ruptura via secularização ou sectarização religiosa. Se o processo de secularização ocorrer paralelamente ao avanço da consciência de classe, através de mediações políticas, sindicais e sociais, poderá até surgir uma visão crítica da religião. A Europa tem exemplos desta terceira possibilidade de ruptura com as instituições religiosas, que diferem de casos semelhantes ao do luteranismo chileno e ao dos movimentos messiânicos. Paul Tillich percebeu as conseqüências do "cativo burguês" do protestantismo na Europa, e afirmou:

"...as condições dos trabalhadores agrícolas, de onde surgiram originalmente todos os obreiros urbanos, porque não havia indústria, e quando esta começou, vieram das aldeias, mas nestas as classes baixas já estavam separadas das igrejas pois estas sempre estiveram do lado das classes altas."⁹

O surgimento da classe operária está vinculado à industrialização, à urbanização e ao processo de migração. Hobsbawm afirma que a migração, normalmente do campo para a cidade, e o contato com a cidade conduzem ao declínio da prática religiosa, em certos casos mesmo entre composeses.¹⁰ Seguindo com a análise sobre a Europa podemos agregar a este fator de declínio da prática religiosa tanto o avanço da sociedade burguesa de consumo quanto o desenvolvimento de movimento socialista e comunista.

9 — Tillich, P. *op. cit.*, p.475.

10 — Hobsbawm, E.J. *Mundos do Trabalho*, 1987, p.62.

Através de Cuba e Nicarágua, a América Latina entrou no circuito das revoluções socialistas. Nesses processos revolucionários, com rupturas estruturais, as classes populares desempenharam e desempenham um papel fundamental. No que diz respeito à relação entre religião e processo revolucionário, a América Latina está revelando novos elementos que a diferenciam dos movimentos socialistas e comunistas da Europa. Tomemos como exemplo o caso nicaraguense. Lá, os cristãos estiveram presentes no processo de transformação social. Da Europa para a América Latina, a relação entre religião e processo revolucionário sofre algumas mudanças, que ainda não foram bem analisadas. Mesmo que os processos revolucionários latino-americanos e a participação de cristãos nas lutas populares tenham colocado novos elementos na relação entre religião e política, a avaliação que Hobsbawm fez do avanço dos movimentos socialistas na Europa pode ficar em nosso horizonte caso avançar a ofensiva conservadora daquelas Igrejas que timidamente estão apoiando as lutas populares e de libertação: "O movimento socialista moderno desenvolveu-se como uma ideologia secular esmagadora e com frequência, de fato, como uma ideologia militante anti-religiosa."¹¹

Após estas incursões generalizantes em casos complexos como os mencionados acima, voltemos à análise para o caso particular, objetivo destas observações introdutórias. Antes, porém, de partirmos para o estudo de caso, faz-se necessário perguntar se no etno-luteranismo brasileiro, mais especificamente na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), não estão presentes as tendências mencionadas acima: secularização articulada com a urbanização e a proletarização, cativo burguês de setores da instituição, afastamento da comunidade daqueles que estão num processo de pauperização e avanço da consciência crítica em função do avanço do processo democrático e participação sócio-política. É muita pretensão de nossa parte dar respostas a todas as questões implicadas na discussão acima. No momento pretende-se apenas levantar hipóteses e formular problemas.

2 — Estudo de Caso: Comunidade Evangélica de Sapucaia do Sul

Qual a relação entre uma amostra particular e as tendências gerais de uma sociedade? É possível inferir conclusões plausíveis a partir de um universo tão restrito como é o caso da Comunidade Evangélica de Sa-

11 — *Idem*, p.57.

pucaia do Sul? Mais da metade da população do município de Sapucaia do Sul passou pelo processo de migração. Mais adiante teremos os dados confirmando que a maior parte dos filiados à Comunidade Evangélica em foco é oriunda do interior do Rio Grande do Sul. A migração no Brasil deve ser vista como um subprocesso do desenvolvimento de um capitalismo dependente e periférico. Portanto, não estamos diante de um caso isolado. Em maior ou menor grau, o que acontece com Sapucaia do Sul pode estar se repetindo noutros centros metropolitanos do País.

Analisaremos os dados colhidos pelo Censo da IECLB realizado em 1987. Trabalharemos com dados relativos a aproximadamente 50% da população adulta da Comunidade. Como estamos analisando dados pessoais, a ressalva de Paul Singer se torna muito esclarecedora:

“É mister, no entanto, submeter este tipo de procedimento a uma crítica mais radical. O mais provável é que a migração seja um processo social, cuja unidade atuante não é o indivíduo mas o grupo. Quando se deseja investigar processos sociais, as informações colhidas numa base individual conduzem, na maioria das vezes, a uma análise psicologizante, em que as principais condicionantes macro-estruturais são desfiguradas quando não omitidas¹².

A Comunidade Evangélica em foco ainda não completou 25 anos de existência. Seu crescimento numérico se deve à vinda de famílias evangélicas do interior do Rio Grande do Sul para a Grande Porto Alegre. Filiam-se à Comunidade aquelas famílias cuja tradição ainda está sendo alimentada pela experiência do mundo rural. De modo geral, a filiação à Comunidade acontece em função do batismo das crianças e da confirmação dos adolescentes. Por razões inerentes ao processo migratório a vinda para a cidade acontece por ocasião do casamento. A formação de um novo lar implica em migração para a cidade. Outra forma de admissão à Comunidade se dá pelo casamento: um dos cônjuges acompanha a parte evangélica¹³. A adesão de pessoas de outros credos é muito rara.

12 — Singer, P. **Economia Política da Urbanização**, 1983, p.51.

13 — Cf. dados do Censo da IECLB, 1987, referentes a 200 pessoas adultas da Comunidade Evangélica de Sapucaia do Sul. A respeito de casamento de pessoas não evangélicas (exogamia), têm-se os seguintes números: das 102 mulheres, 39 deixaram a sua Igreja e acompanharam o marido; dos 98 homens, 14 acompanharam os esposas na religião evangélica. Quanto à origem étnica, o quadro é o seguinte: alemã, 143; portuguesa, 39; italiana, 11; outras, 8, destas 1 pessoa é de origem africana.

O município de Sapucaia do Sul está na região metropolitana de Porto Alegre. Dista 28 km da capital gaúcha. Emancipou-se de São Leopoldo em 1962. Pode ser considerada uma cidade-dormitório.

Migração

TABELA I: Migração

	Mulheres	Homens	Total	%
Rural para o Urbano	58	55	113	56,5
Urbano para o Urbano	41	41	82	41
Nasceram em Sapucaia	3	2	5	2,5
Total	102	98	200	100

Os dados da tabela I revelam que 97,5% das duzentas pessoas passaram de uma forma ou de outra pela migração. Do total das pessoas, 56,5% são oriundos da área rural. Das cidades pequenas do interior do Rio Grande do Sul vieram 41% das pessoas. Em relação a este último dado, precisamos fazer algumas observações. Por não termos analisado a localidade de nascimento — e de criação — suspeitamos que um pequeno número expressivo daqueles que declararam ter vindo de cidades pequenas do interior do Estado tem passado a infância e a juventude no mundo rural. O contato pessoal nos autoriza a levantar esta suspeita. Com exceção de 2,5% da metade da população adulta, a maioria está marcada pelo modo de vida rural. No momento esta população se encontra numa fase de transição. Já seus filhos passarão pelo processo de socialização num contexto urbano.

Segundo os dados da METROPLAN e da Fundação de Economia e Estatística, em 1985, a população de Sapucaia do Sul era de 103.101 habitantes. As mesmas estimativas dizem que em 1990 Sapucaia do Sul terá uma população de 124.400 habitantes¹⁴. De acordo com o levantamento destes órgãos estaduais de economia e estatística, em 1970, a população migrante em relação à população total do município correspondia a 64,1%. Em 1970, a população de Sapucaia do Sul era de 41.744 pessoas; destas, 26.735 passaram pelo processo de migração¹⁵. A taxa de cresci-

14 — Cf. Fundação de Economia e Estatística, **Região Metropolitana de Porto Alegre**, p.103.

15 — Cf. Fundação de Economia e Estatística, **Migrações Internas** — RS, 1976, p.34.

mento populacional deste município, de 1970 até 1980, foi de 6,64%¹⁶. Comparando a população de 1970 com as estimativas para 1990, podemos afirmar que a população triplicará em 20 anos.

Trabalho e Religião

TABELA II: Ocupação Profissional

Profissão	Mulheres	Homens	Total	%
Empregado Urbano	21	63	84	42
Pequeno e médio empregador	2	8	10	5
Empresário	2	3	5	2,5
Trabalhador urbano sem vinc. empregatício	6	5	11	5,5
Servidor Público	9	3	12	6
Aposentado/Pensionista	2	11	13	6,5
Do lar	56	—	56	28
Doméstica	1	—	1	0,5
Autônomo	1	4	5	2,5
Estudante	1	—	1	0,5
Profissional Liberal	1	1	2	1
Total	102	98	200	100

Aproximadamente 50% são trabalhadores assalariados. Alcançamos esta cifra somando aos 42% que estão ligados diretamente ao processo produtivo nas fábricas os servidores públicos, domésticas e profissionais liberais. Merece destaque o número expressivo de mulheres que se dedicam à administração do lar. Embora não sejam remuneradas, seu trabalho está em função das atividades do marido e dos filhos. Dão condições para a reprodução da força de trabalho. Aproximadamente 20% das mulheres trabalham no processo produtivo nas fábricas, o que significa, em muitos casos, dupla jornada de trabalho. Portanto, os dados da tabela II mostram uma forte tendência à proletarização. Aproximadamente 63% dos homens estão ligados diretamente ao processo produtivo. Autodenominam-se "peões".

Resultados parciais¹⁷ de uma outra pesquisa, que está sendo realizada entre luteranos de algumas paróquias do Vale dos Sinos, têm demonstrado que, de 50 pessoas entrevistadas, 34 eram agricultoras antes de virem para a cidade. Outras 5 eram crianças ou jovens quando seus pais deixaram as lides agrícolas. Das 50 pessoas, 92% vendem a sua força de trabalho na indústria da região, 4% são autônomas e as demais (4%) se ocupam com afazeres domésticos. Também estes resultados parciais confirmam a tendência de proletarização dos evangélicos luteranos que migraram da roça para a cidade.

Os dados da tabela II demonstram que 7,5% da população que está sendo focalizada podem ser considerados pequeno ou médio empregador e empresário. Entre os empresários estamos contando as esposas de alguns, por elas trabalharem junto à empresa. Podemos considerar empresário capitalista apenas 2,5% da população da Comunidade Evangélica de Sapucaia. Não há o grande empresário capitalista. O pequeno grupo de empresários pode ser dividido em burguesia industrial — fábrica de calçados, porte médio — e burguesia comercial. Podemos considerar donos dos meios de produção 2,5% dos membros da Comunidade. Entre o pequeno e médio empregador urbano, foram colocados aqueles comerciantes que trabalham com suas famílias e mais alguns empregados.

Racionalização e Alienação

A ciência e a técnica do mundo moderno prescindem da religião. Também é bastante visível o enfraquecimento da influência da religião sobre a ética. Então, porque se preocupar com a relação frágil entre religião e as relações sociais do trabalho? Entre as classes populares e dominadas, a religião não perdeu o seu vigor. O sagrado está se revitalizando em parcelas significativas das classes populares. Além disso, as classes trabalhadoras estão condicionadas pelo modo de vida rural onde a religião sempre desempenhou a função de coesão social. Florestan Fernandes caracteriza o período de formação de amplos setores da classe trabalhadora com as seguintes palavras:

“Mas a concentração de uma população que busca o trabalho industrial mas que não tem adestramento para o trabalho industrial, isto não tinha sido analisado ainda. São os chamados peões que têm uma configuração nova. Eles estão vivendo um

17 — Cf. resultados parciais da pesquisa de campo para o doutorado.

processo no qual se tornam simultaneamente urbanistas, quer dizer, moradores da cidade, e se proletarizam, tornam-se operários. Essa massa de trabalhadores se sobrepõe a um núcleo menor de trabalhadores altamente qualificados.”¹⁸

A teoria sociológica sobre a relação entre religião e trabalho está bastante marcada pelas pesquisas de Marx e Max Weber. Na “Ética Protestante”, Max Weber faz referência ao conceito de vocação (Beruf) em Lutero. Ao romper com a divisão entre vida monacal e secular, o protestantismo propugnou a violência da vontade de Deus nas relações cotidianas do trabalho. Para alcançar a “santidade”, não mais é necessário se recolher a um convento. Na opinião de Lutero, as pessoas nada precisam fazer para Deus. A salvação pode ser alcançada pela graça de Deus por meio da fé (sola fide, sola gratia). Na opinião de Weber, a superação da divisão da realidade entre sagrado e profano, promovida pelo protestantismo, se constitui num dos elementos fundamentais para o surgimento de uma ética intramundana.¹⁹

Segundo Feuerbach, a religião é fruto da projeção humana. Ela pode ser reduzida à antropologia. Marx pressupõe esta crítica e dá um passo além. Ele busca na economia as razões que levam as pessoas a projetarem num deus as suas limitações. Nos “Manuscritos Econômico-Filosóficos”, de 1844, Marx afirmou o seguinte:

“Todas estas conseqüências estão determinadas pelo fato de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como com um objeto estranho. Efetivamente, partindo desta premissa, é evidente que quanto mais se mata o trabalhador, tanto mais poderoso se torna o mundo material alheio a ele, tanto menos é dono de si mesmo. A mesma coisa acontece com a religião. Quanto mais o homem põe em Deus, menos guarda para si mesmo.”²⁰

18 — Fernandes, F. **A Transição e as Tarefas da Classe Operária**, 1987, p.19.

19 — Weber, M. **Die Protestantische Ethik**: “Es Kommt also in dem Begriff ‘Beruf’ Jenes Zentraldogma aller Protestantischen Denominationen zum Ausdruck, welches die Katholische Unterscheidung der christlichen Sittlichkeitsgebote in ‘praecepta’ und ‘consilia’ verwirft und als das einzige Mittel, Gott Wohlgefällig zu leben, nicht eine Überbietung der inner-weltlichen Sittlichkeit durch mönchische Askese, sonder ausschliesslich die Erfüllung der innerweltlichen Pflichten Kennt, wie sie sich aus der Lebensstellung des Einzelnen ergeben, die dadurch eben dein ‘Beruf’ wird” (p.67).

20 — Marx, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos-1844**, p.69.

"Ideologia Evangélica"

A pesquisa realizada por U.Kliwer na Comunidade Evangélica de São Leopoldo — berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul e da Igreja Evangélica — colheu depoimentos que revelam algumas características da posição de seus fiéis frente às contradições de nossa sociedade. Por dois motivos estamos retomando esta pesquisa feita por Kliwer. Primeiro, parece que predomina entre o grupo leigo que dirige a comunidade — ou comunidades urbanas —, o presbitério, a percepção "ético-individualista" das contradições da realidade social. Segundo, assim como a maioria da Comunidade Evangélica de São Leopoldo, os componentes dos presbitérios de modo geral estão situados naquelas "categorias sociais que compõem a classe média brasileira"²¹. Que respostas os entrevistados deram à pergunta pelas causas da desigualdade social?

"Tem trabalho e colégio para todos no Brasil. Quem é pobre o é por falta de interesse e esforço."

"Quem não progride no Brasil, é porque não trabalha: O povo tem que ser educado para trabalhar..."²²

Os contatos nas Comunidades Evangélicas e a pesquisa têm demonstrado que a "opção ético-individualista" se constitui numa categoria que pervade a visão de mundo das pessoas. "A construção social da realidade" está marcada por esta forma de pensar o mundo, e vice-versa. Em outras palavras, há um modo de pensar capitalista. A relação individual da pessoa com o Deus, sem mediação comunitária ou institucional, tem afinidade com o modo de apropriação (individual) do capitalismo. Os depoimentos colhidos por Kliwer podem ser vistos como consequência desta forma de pensar. Temos aí elementos para uma sociologia do conhecimento. É evidente que esta forma de pensar não é algo específico do protestantismo. Mas nele há um elemento de afinidade com a estrutura capitalista: o individualismo.

Destacamos a seguir alguns depoimentos colhidos entre líderes leigos da comunidade em foco. A forma de pensar a religião é confirmada pelas relações sociais no trabalho.

— Numa entrevista A.W. relata um acidente ocorrido na empresa onde trabalha. A.W. é membro da Comunidade Evangélica, e o chefe de

21 — Kliwer, U. Uma Comunidade Evangélica Frente... **Quem assume esta tarefa?**, 1977, p.189.

22 — *Idem*, p.197.

sua seção faz parte do presbitério. Numa operação um grupo de trabalhadores estava suspendendo uma máquina. Por causa de um descuido, a máquina despencou do alto e os trabalhadores tiveram que saltar para os lados. A.W. assustado, respondeu: Quase que morremos. O chefe da seção retrucou: "Tem mais gente esperando uma vaga lá fora."

— Outro presbítero qualifica o trabalho de um pastor de improdutivo. O trabalho pastoral "produtivo" deve trazer retorno imediato.

— O trabalho de um pastor junto às famílias de bairros periféricos é avaliado da seguinte maneira por um ex-presbítero: "O senhor (pastor) vai perder tempo com esta gente. Eles não querem nada com nada. Hoje estão aqui, amanhã estão lá."

— A referência à solidariedade aos que sofrem por causa da pobreza é entendida por um presbítero, alto funcionário de uma empresa, como incentivo à preguiça. — "O senhor (pastor) ainda não aprendeu que é do veneno da cobra que se faz o soro?"

O que está subjacente aos depoimentos destacados acima? Seria incorrer numa falsa percepção da realidade se disséssemos que todos os evangélicos luteranos se assemelham, na sua maneira de pensar, às pessoas cujos depoimentos foram mencionados anteriormente. Não estamos falando de uma tendência geral, mas de um discurso dominante. Suspeitamos da relação que possa haver entre uma parcela significativa daqueles que estão no poder das estruturas comunitárias e paroquiais e a compreensão de que a pobreza existe em função da falta de disposição individual para o trabalho. Em outras palavras, para estes o trabalho dignifica e possibilita a ascensão individual na escala social. Dentro desta perspectiva que inclui os pobres e "vagabundos", a superação das contradições sociais passa pela disposição interna para o trabalho. Esta forma de construir não se apercebe da dimensão estrutural das contradições sociais e econômicas. Por que não? Porque a maneira pela qual a religião se articula é mais reflexo da base econômica da sociedade que um elemento questionador da mesma. A "apropriação individual da religião" não se coaduna com as práticas coletivas de partidos, sindicatos e movimentos. Assim chegamos à pergunta central do trabalho: A inserção dos evangélicos luteranos no mundo urbano via proletarização facilita a ruptura da "apropriação individual da religião"?

Embora de forma bastante desarticulada, o discurso de trabalhadores luteranos do mundo urbano apresenta sensíveis mudanças se o compararmos com os depoimentos relatados acima. Para não cairmos numa visão mecanicista, é importante ressaltar que a condição em si de

classe trabalhadora não implica a automática percepção do conflito de classe e, em decorrência, a consciência da necessidade de superação do regime de exploração desumanizante a que estão submetidos os trabalhadores. Na pesquisa fizemos duas perguntas visando a levantar elementos da relação entre religião, trabalho e exploração: De onde vem a riqueza do patrão? É possível servir a Deus através do trabalho?

Seguem os depoimentos:

“Os patrões são bucha, danados... Além de não pagarem nada, ainda logram a gente. Mês passado tiraram duzentos cruzados nossos. O cara tem que abrir o olho com eles. A riqueza dos patrões vem do suor dos empregado. Quem faz eles são os empregados.”

(V. Graebin, 27 anos, operário, ex-agricultor)

“O trabalho é bom para gente, então serve a Deus. Agora, uma parte está servindo só para eles (patrões); só pensam no futuro deles.”

(L. Stanger, 33 anos, operário, ex-agricultor)

“O lucro vem de uma boa administração, muito trabalho. Fala de seu ex-patrão, que começou do nada e hoje está rico. E seu ex-marido também trabalhou e enriqueceu.”

(M.I. Voltz, 36 anos)

“A riqueza do patrão vem da força do empregado. Se não tivesse os empregados, não podiam fazer as firmas funcionar (...) Quem muito tem não liga para quem não tem.”

“Greve é a arma do trabalhador. Só fazendo greve mesmo. Se não tivesse o sindicato, seria pior do que está.”

(P.Nienow, 42 anos, ex-agricultor)

“O patrões tiram o couro dos coitados para construir palácios e piscinas. O capitalismo é assim mesmo...”

“Todo trabalhador deveria ser sindicalizado ... para ter dinheiro para fazer greve um mês.”

“A religião, se for bem usada, só pode ajudar. Não ser submisso, santinho bonzinho. Não ensinar a ser calado... assim como nós era ensinado. Com a ajuda de Deus, quando vê injustiça, tem de falar.”

“Atualmente está servindo (trabalho) mais para os homens que para Deus. Pois Deus não está contente com esta exploração braba, pois com este trabalho não só está servindo a Ele, mas somente ao homem. Com este trabalho só dois ou três são beneficiados, e não todos.”

(N.S., Presbítero, aposentado, de serviços gerais a chefe de seção)

Se compararmos estes últimos depoimentos com aqueles colhidos por Kliewer — e confirmados pelas manifestações de alguns presbíteros da comunidade em foco —, veremos uma diferença sensível. Excluindo o depoimento de M. I. Voltz, que confirma a “opção ético-individualista”, os demais apresentam elementos que apontam na direção de uma consciência crítica frente à exploração. Com isto reforçamos a tese mencionada acima: as condições objetivas de trabalho influenciam o discurso religioso. As entrevistas para o trabalho de Kliewer foram feitas entre categorias sociais que se enquadram nas camadas médias da população, já os depoimentos colhidos por nós são provenientes de pessoas que fazem parte da classe trabalhadora urbana, que está num processo de formação enquanto classe.

A consciência da exploração e a percepção de que o “lucro” dos patrões vem da força do trabalho introduzem rupturas no discurso “ético-individualista”. Os depoimentos de L. Stanger e N. Schenkel apontam para esta direção. O primeiro entende que é possível servir a Deus pelo trabalho desde que os resultados do mesmo estejam em função de seu bem-estar familiar. L. Stanger dá a entender que exploração no trabalho e serviço a Deus não se coadunam, suponho. O depoimento de N. Schenkel faz uma diferença clara entre a religião do passado — “assim como nós era ensinado” — e o que está experimentando agora na comunidade evangélica, mais especificamente num discurso pastoral de setores que buscam mudanças estruturais para a sociedade. Na sua opinião, não é possível servir a Deus por meio de um trabalho alienado.

A “apropriação individual da religião” como negação do comunitário e a visão de que pelo trabalho o indivíduo se dignifica e ascende na escala social não encontra sustentação nas condições objetivas e nas relações sociais do “mundo do trabalho”. As relações de dominação e as limitações impostas pela estrutura da sociedade impossibilitam a ascensão dos indivíduos a um patamar mais elevado na sociedade. Diante da estrutura econômica, o discurso tradicional do protestantismo a respeito do trabalho esboroa-se totalmente. Não passa de uma falsa consciência da realidade.

A urbanização num grau maior e a proletarização (pauperização?) num grau menor inserem indivíduos, cuja percepção da realidade estava circunscrita à “raça e à roça”, num contexto cultural marcado por um senso comum, onde o catolicismo popular e os cultos afro-brasileiros dão um tom significativo. Para uma parcela significativa da população brasileira, cujo passado fora amplamente determinado pela escravidão, a religião foi — e continua sendo? — um espaço de ne-

gação do trabalho. Em outras palavras, o trabalho foi experimentado como negação da dignidade humana. Como reação, portanto, a pessoa se afirma pelo não-trabalho. Para Sergio Buarque de Holanda, a cultura e a religião predominantes nas classes populares são avessas aos ritualismo: "No Brasil é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza"²³. Conseqüentemente, não há espaço para um discurso religioso "racional". Num tom mais cômico, porém muito revelador, Sergio Buarque de Holanda cita a opinião de um protestante a respeito da religiosidade popular dominante no Brasil: "É que o clima não favorece a severidade das seitas nórdicas. O austero metodismo ou puritanismo jamais florescerão nestes trópicos"²⁴.

A influência da migração/urbanizaçã/proletarização sobre a cosmovisão religiosa dos evangélicos luteranos levanta outras questões. Caso a socialização religiosa tradicional tenha sido fundamentada na compreensão de que a estrutura social fora algo criado por Deus e, portanto, imutável, a vinda para a cidade pode implicar no declínio da prática religiosa. Além disso, se se acoplar a este processo a experiência de práticas coletivas, como a participação em movimentos populares, sindicais e partidos, a ruptura com a prática religiosa tradicional será mais profunda ainda. Cito um depoimento de um jovem que se engajou nos movimentos populares: — "Depois que comecei a participar dos Movimentos Populares, a minha visão de mundo aumentou, e os cultos não têm nada mais a ver comigo". O que está acontecendo com este jovem não é um caso isolado. Em níveis diferentes e noutras situações a visão de um mundo está sendo modificada. Isto influencia o universo religioso das pessoas. A experiência tradicional da religião não dá mais conta de responder às novas perguntas pelo sentido da vida. Cabe às Igrejas, onde o discurso tradicional é predominante, buscar novos pontos de identidade entre suas teologias e a nova realidade na qual vive uma parcela significativa de seus fiéis. Aqui deve-se acrescentar que a urbanização e pauperização não são fenômenos restritos ao mundo urbano. Eles estão alcançando o mundo rural e ferindo as tradições de comunidades cujas pessoas ainda se encontram bem reenraizadas.

Concluiremos estas observações introdutórias nos referindo ao que Paul Tillich falou a respeito da falta de identidade entre a situação operária e o protestantismo.

23 — Holanda, S.B. **Raízes do Brasil**, 1984, p.110.

24 — Idem, p.112, apud Ewbank, T. **Life in Brazil...**, p.239.

"A situação proletária, na medida em que representa o destino das massas, é impenetrável a um protestantismo que, em sua mensagem coloca à personalidade individual a necessidade de tomar uma decisão religiosa e que tem abandonado o proletariado a seus próprios meios na esfera social e política, concebendo as forças dominantes da sociedade como ordenadas por Deus.²⁵

Para a sociologia da religião, que pretende analisar as variações dos fenômenos religiosos como reflexos das mudanças sociais, o problema levantado por Tillich torna-se uma hipótese de trabalho, já que no étno-luteranismo brasileiro (IECLB) existe uma relação dialética que o está modificando: há tendências internas à Igreja que buscam responder aos desafios colocados pelas mudanças estruturais da sociedade. A religião não precisa apenas refletir as mudanças sociais; ela pode também ser relativamente autônoma e influenciar a sociedade.

A falta de identidade entre o protestantismo (luteranismo) e a situação operária deve se constituir num desafio à Igreja se ela quiser alcançar com sua mensagem e ação uma classe fundamental da sociedade. A busca de tal identidade universalizará a ação da Igreja.

Bibliografia

- 1 — AMADO, J. **Conflito Social no Brasil — A Revolta dos 'Mucker'**. Edições Símbolo, São Paulo, 1978.
- 2 — BITAR, S. **Transição, Socialismo e Democracia**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.
- 3 — CORVALAN, L. **A Revolução Chilena**. Edições Avante, Lisboa, 1978.
- 4 — DOMINGUES, M. **A Nova Face dos Muckers**. 1977.
- 5 — FERNANDES, F. **A Transição e as Tarefas da Classe Operária**. In: Teoria & Política, Editora Parma, São Paulo, 1987, Ano 2, Nº 8, pp. 9-31.
- 6 — GOLLWITZER, H. **La Revolucion Capitalista**. Ediciones Sigueme — Salamanca, 1977.

25 — Tillich, P. **La Era Protestante**, 1965, p.243.

- 7 — HOLANDA, S.B. **Raizes do Brasil**. José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1984.
- 8 — HOBSBAWN, E. J. **Mundos do Trabalho**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.
- 9 — KLIEWER, U. Uma Comunidade Evangélica Frente aos Desafios Sociais e à Atuação Sócio-política da Igreja. In: **Quem Assume esta Tarefa?** Germano Burger (org.), Editora Sinodal, São Leopoldo, 1977, pp 189-211.
- 10 — LÉONARD, E. **L'illuminisme dans Un Protestantisme de Constitution Récent (Brésil)**. Presses Universitaires de France, Paris, 1953.
- 11 — LOWY, M. **Método Dialético e Teoria Política**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.
- 12 — _____ **As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. Editora Busca Vida, São Paulo, 1987.
- 13 — MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos — 1844**. Editorial Pluma, Colômbia, 1980.
- 14 — MARCUSE, H. **Idéias sobre uma Teoria Crítica da Sociedade**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981.
- 15 — PRIEN, H.J. **La Historia del Cristianismo en América Latina**. Ediciones Sígueme — Salamanca/Editora Sinodal-São Leopoldo, 1985.
- 16 — QUEIROZ, M.I.P. de **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. Editora AlfaOmega, São Paulo, 1977.
- 17 — SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1983.
- 18 — TILLICH, P. **Pensamiento Cristiano y Cultura en Occidente**. Vol.II, Editorial La Aurora, Buenos Aires, 1977.
- 19 — _____ **La Era Protestante**. Editoria Paidos, Buenos Aires, 1965.
- 20 — WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981.
- 21 — _____ **Die Protestantische Ethik**. Gütersloher Verlagshaus Mohr, Tübingen, v.1, 1920.
- 22 — WESTHELLE, V. **Embarços do Luteranismo Latino Americano — O Paradigma Chileno**. Inédito. Faculdade de Teologia da IECLB, São Leopoldo, 1977.
- 23 — YIGER, J. M. **Religion, Society and the individual**. The Macmillan Company, New York, 1957.

Documentos

- 1 — IECLB — Nossa Responsabilidade Social. In: **Quem Assume esta Tarefa?** Germano Burger (org.), Editora Sinodal, São Leopoldo, 1977, pp. 43-49.

Fontes Estatísticas

- 1 — **Anuário Estatístico do Rio Grande do Sul** — 1986. Vol. 19. Fundação De Economia e Estatística, Porto Alegre, 1987.
- 2 — **MIGRAÇÕES Internas** — RS. Fundação de Economia e Estatística, Ano 4, nº4, Porto Alegre, 1976.
- 3 — **Região metropolitana de Porto Alegre** — Informações e Análise. Fundação de Economia e Estatística, Porto Alegre, 1988.